os céus de montana

nora roberts

Tradução de Eduardo Fernandes

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

À família

O mundo pende de um lado e de outro
Não mais amplo do que o coração;
Por cima do mundo abre-se o céu,
Não mais amplo do que a alma.
O coração pode empurrar o mar e a terra
Para mais longe, para lados opostos;
A alma pode rasgar o céu em dois,
E deixar que o rosto de Deus o invada.
Mas o este e o oeste ferirão o coração
Que não consegue mantê-los afastados;
E aquele cuja alma é plana — o céu
Abater-se-á sobre ele.

— EDNA ST. VINCENT MILLAY

PRIMEIRA PARTE

OUTONO

O ano belo e afligido pela morte.

— A. E. HOUSMAN

1

Estar morto não tornava Jack Mercy um homem melhor. Uma semana de falecimento não minimizava sessenta e oito anos de maldade. Muitos dos que se reuniam em torno da sua campa estavam declaradamente felizes por poderem fazê-lo finalmente.

A verdade era que, com ou sem funeral, Bethanne Mosebly murmurava essas emoções ao ouvido do marido enquanto aguardavam entre a erva alta do cemitério. Estava ali apenas por consideração pela jovem Willa e debitara repetidamente esses motivos aos ouvidos cansados do marido, durante toda a viagem desde Ennis.

Enquanto homem que ouvira a esposa tagarelar durante quarenta e seis anos, Bob Mosebly resmungava apenas, bloqueando a voz dela e a voz ainda mais monótona do pregador.

Não se podia dizer que Bob conservasse boas memórias de Jack. Detestava o sacana, tal como qualquer pessoa no estado do Montana.

Mas o homem estava mais que morto, pensava Bob, e os que não gostavam dele tinham acorrido à cerimónia para o mandarem bem depressa para o inferno.

Aquele pacífico recanto do Rancho Mercy, escondido entre as sombras das Montanhas Rochosas, perto das margens do rio Missouri, estava agora apinhado de rancheiros e *cowboys*, comerciantes e políticos. Ali, onde o gado pastava nas colinas e os cavalos dançavam em pastagens soalheiras, sob a relva ondulante, jaziam enterradas gerações dos Mercy.

Jack representava a mais recente. Encomendara um caixão em castanho envernizado, mandara-o fazer à medida e incrustar a ouro os M interligados que formavam a insígnia do rancho. O caixão era forrado a cetim branco e

Jack estava agora nele deitado, calçando as suas melhores botas em pele de cobra, usando o seu chapéu *Stetson* preferido e mais antigo, e empunhando o chicote.

Jack jurara morrer da mesma forma como vivera. Arrogantemente.

Dizia-se que Willa tinha encomendado a lápide de acordo com as instruções do pai. Seria de mármore branco, pois um granito simples não era suficiente para Jackson Mercy, e a inscrição era uma citação sua:

Aqui jaz Jack Mercy.
Viveu como quis e morreu como quis.
Que se lixem todos os que não gostarem disso.

O monumento seria erguido assim que a terra assentasse, para se alinhar com todas as outras lápides que pontilhavam o terreno cravejado de pedras, desde o avô de Jack Mercy, Jebediah Mercy, que atravessara as montanhas e reivindicara o seu terreno, à última das mulheres de Jack e a única que morrera antes de ele se conseguir divorciar dela.

Era interessante, ponderava Bob, que cada uma das três mulheres de Mercy o tivesse presenteado com uma filha quando ele estava determinado a ter um rapaz. Bob gostava de pensar que era uma espécie de piada divina contra um homem que pisara tudo e todos para conseguir o que queria em todos os aspetos da sua vida.

Recordava-se bem de cada uma das mulheres de Jack, muito embora nenhuma o tivesse sido por muito tempo. Lembrava-se de que eram todas bonitas, e as meninas que tinham nascido não ficavam nada atrás. Bethanne quase consumira as linhas telefónicas desde que soubera que as duas filhas mais velhas de Mercy estavam a caminho. Nenhuma delas pusera os pés na terra de Mercy desde que começara a andar.

Nem teriam sido bem recebidas.

Só Willa tinha ficado. Mas Mercy pouco pudera fazer para o evitar, uma vez que a mãe da criatura morrera quase antes de deixar de amamentar. Sem parentes a quem entregar a criança, confiara-a à governanta, e Bess criara-a o melhor possível.

Cada uma das mulheres apresentava um traço de Jack, observava Bob, espreitando-as sob a aba do chapéu. O cabelo escuro, o queixo afiado. Via-se que eram irmãs, sem dúvida, mesmo à primeira vista. O tempo diria de que forma lidariam umas com as outras, e se Willa teria o suficiente de Jack Mercy dentro de si para gerir sozinha um rancho de dez mil hectares.

Ela, por sua vez, pensava no rancho e no trabalho que era preciso fazer. A

manhã estava bonita e límpida, com os montes a providenciarem uma cor tão arrojada e intensa que quase lhe feria os olhos. As montanhas e o vale podiam ter já as cores do outono, mas o vento das planícies era quente, seco e denso. No início de outubro ainda estava suficientemente quente para mangas de camisa, mas o tempo podia mudar no dia seguinte. Já havia neve nas terras altas e Willa conseguia divisar apontamentos brancos nos cumes pretos e cinzentos que cobriam timidamente as florestas. O gado teria de ser reunido, as cercas verificadas, reparadas e controladas novamente. O trigo de inverno teria de ser plantado.

Agora estava nas suas mãos. Estava tudo nas suas mãos. Jack Mercy já não era o Rancho Mercy, recordava Willa. Era ela.

Ouviu o pregador falar de vida eterna, perdão e entrada no céu. E pensou que Jack Mercy cuspiria na cara de quem o convidasse para um sítio que não lhe pertencesse. O Montana pertencera-lhe — aquela terra ampla de montanhas e prados, de águias e lobos.

O seu pai seria tão infeliz no céu como ela no inferno.

Manteve o rosto calmo à medida que o caixão ia descendo pela mais recente cicatriz rasgada na terra. A sua pele era de um dourado pálido — um legado da mãe e do seu sangue da tribo Blackfoot, mas também do sol. Os seus olhos, quase tão negros como o cabelo que ela prendera apressadamente numa trança antes do funeral, mantinham-se concentrados no caixão que transportava o corpo do pai. Não tinha chapéu, e o sol reverberava como fogo nos seus olhos. Mas não se permitiu lacrimejar.

Possuía um rosto orgulhoso, maçãs do rosto aguçadas, uma boca grande e carnuda, olhos negros e exóticos de pálpebras densas e pestanas luxuriosas. Partira o nariz ao cair do dorso de um cavalo selvagem aos oito anos. Willa gostava de pensar que o pequeno desvio para a esquerda lhe dava personalidade.

A personalidade significava muito mais para Willa Mercy do que a beleza. Acreditava que os homens não respeitavam a beleza. Usavam-na.

Ficou muito quieta enquanto o vento despenteava alguns fios do seu cabelo, agora desalinhado numa dança divertida. Uma mulher de altura mediana e de compleição robusta, usando um vestido preto mal-amanhado e uns sapatos pretos bonitos que tinham deixado a caixa apenas aquela manhã. Uma mulher de vinte e quatro anos que pensava em trabalho e sentia uma dor avassaladora no peito.

Apesar de tudo, tinha amado Jack Mercy. E nada dissera — nem uma palavra — às duas mulheres, às duas estranhas que partilhavam o seu sangue e tinham ido enterrar o seu pai.

Por um momento, um breve momento, deixou que o olhar deambulasse,

pousando na campa de Mary Wolfchild Mercy. A mãe de que não tinha memória repousava sob um leito suave de flores silvestres que floresciam como pedras preciosas à luz do Sol outonal. Eram coisas de Adam, pensava, olhando para os olhos do meio-irmão. Só ele saberia que ela tinha o coração inundado de lágrimas que jamais poderia libertar.

Então, Adam tomou-lhe a mão, e Willa entrelaçou os dedos nos dele. Sabia, no fundo do coração, que ele era a única família que lhe restava.

— Viveu a vida que quis — murmurou Adam. O seu tom era calmo, tranquilo. Se estivessem sozinhos, Willa voltar-se-ia para ele, encostaria a cabeça ao seu ombro e deixá-lo-ia reconfortá-la.

— Sim, viveu. E agora acabou.

Adam olhou para as duas mulheres, as filhas de Jack Mercy, ocorrendo-lhe que algo estava prestes a começar.

— Tens de falar com elas, Willa.

— Estão a dormir na minha casa, a comer da minha comida. — Fitou deliberadamente a campa do pai. — Chega.

— São sangue do teu sangue.

— Não, Adam, tu és sangue do meu sangue. Elas não me são nada.

Willa virou-se de costas para ele e preparou-se para receber as condolências.

Os vizinhos traziam comida para a morte. Não havia forma de pôr termo àquela tradição tão enraizada, assim como Willa não conseguira evitar que Bess cozinhasse três dias seguidos para providenciar aquilo a que a governanta chamava comida de luto. E aí Willa via uma grande hipocrisia. Não havia luto. Curiosidade, sim, certamente. Muitas das pessoas que estavam na casa já tinham sido convidadas. Mas eram ainda mais as que nunca o tinham sido. A morte dele dera-lhes acesso e isso agradava-lhes.

A casa principal era um palco, ao estilo de Jack Mercy. Em tempos, houvera uma cabana de troncos e lama, mas isso fora há mais de cem anos. Agora impunha-se uma estrutura robusta e imponente de pedra e madeira, de vidro polido. Havia tapetes dos quatro cantos do mundo sobre os diferentes soalhos de pinho envernizado ou tijoleira brilhante. Jack Mercy gostava de colecionar. Quando se tornara o chefe do Rancho Mercy, passara cinco anos a converter um belo lar no seu palácio pessoal.

Os ricos viviam ricamente, como costumava dizer.

E assim fizera. Colecionara quadros, esculturas, acrescentando divisões para exibir as obras de arte. A entrada era um átrio enorme, pavimentado

com lajes em tons de rubi e safira, repetindo num padrão o monograma do Rancho Mercy. A escadaria que abria para o segundo andar era de carvalho envernizado, brilhante como cristal, com o pilar principal trabalhado de forma a parecer um lobo uivante.

As pessoas rodeavam-no, de olhos esbugalhados, equilibrando os pratos. Outras apinhavam-se na sala de estar com a sua imensidão de chão polido e um sofá enorme e curvo, revestido a couro creme. Por cima da elegante lareira cravejada de seixos do rio pendia um quadro em tamanho real de Jack Mercy, montado num puro-sangue negro. A sua cabeça estava bem erguida, tinha o chapéu descaído para trás e segurava o chicote numa mão. Muitos sentiam que aqueles olhos azuis intensos os amaldiçoavam enquanto bebiam uísque e brindavam à sua morte.

Para Lily Mercy, a segunda filha que Jack concebera e descartara, era terrível. A casa, as pessoas, o barulho. O quarto que a governanta lhe dera na véspera era tão bonito. Tão tranquilo, pensava, agora que avançava para a balaustrada do alpendre lateral. A bonita cama, a madeira clara em contraste com o papel de parede sedoso.

O sossego.

Queria tanto um pouco de sossego, pensava, fitando as montanhas. E que montanhas. Tão altas, tão agrestes. Nada que se parecesse com as bonitas colinas do seu lar na Virgínia. E o céu, aquele azul vibrante e interminável que se curvava em direção a territórios que pareciam nunca mais acabar.

As planícies, aquela imensidão selvagem, e o vento que parecia nunca parar de correr. As cores, os dourados e os castanhos, os vermelhos e o bronze das colinas e das planícies, numa explosão de outono.

E aquele vale, onde o rancho se abria numa mancha de força e beleza impossíveis. De manhã, vira veados a beber de um ribeiro que cintilava como prata à luz da alvorada. Ouvira cavalos, vozes masculinas, o cantar de um galo e o que pensava — esperava — ser o piar de uma águia.

Perguntava-se se, sendo capaz de se embrenhar pela floresta que dançava no sopé dos montes, conseguiria encontrar o alce, o veado, a raposa que vira correr tão avidamente pelos campos.

Perguntava-se se lhe seria permitido ficar um dia mais que fosse — e para onde iria, o que faria, se lhe pedissem que partisse.

Não poderia voltar para a costa leste, ainda não. Com cuidado, palpou a nódoa amarelada que disfarçara com maquilhagem e óculos de sol. Jesse descobrira-a. Fora tão cuidadosa, mas ele encontrara-a, e as ordens de afastamento não tinham travado a força dos seus punhos. Nunca conseguiam. O divórcio não o travara. As mudanças, as fugas não o travaram.

Mas ali, pensava, talvez ali, a milhares de quilómetros, numa região enorme, ela pudesse finalmente recomeçar. Sem medos.

A carta do advogado que a informara da morte de Jack Mercy, pedindo-lhe que viajasse até ao Montana, fora como uma dádiva divina. Embora todas as despesas tivessem sido pagas, Lily trocara o bilhete de avião em primeira classe e reservara vários voos através do país em três nomes diferentes. Queria desesperadamente acreditar que Jesse Cooke não a descobriria ali.

Estava tão cansada de fugir, de sentir medo.

Pensara em mudar-se para Billings ou Helena e arranjar um emprego. Um emprego qualquer. Tinha algumas competências. Era professora licenciada e sabia trabalhar com computadores. Talvez pudesse arranjar um apartamento só seu, ou mesmo um quarto, apenas para começar e até conseguir desenvencilhar-se sozinha.

Podia viver ali, pensava, fitando o espaço vasto, assustador e glorioso. Talvez aquele fosse o seu lugar.

Saltou quando uma mão lhe tocou o ombro, mal contendo um grito e sentindo o coração bater desenfreadamente no peito.

Não era Jesse, concluiu, sentindo-se tola. O homem a seu lado era moreno e Jesse era loiro. Aquele homem tinha a pele bronzeada e o cabelo pelos ombros. Os olhos eram meigos, escuros, muito escuros, num rosto tão belo como o de um quadro.

Mas Jesse também era belo. E ela sabia quão cruel poderia ser a beleza.

— Desculpe. — O tom de Adam era apaziguador, como se tivesse acabado de assustar um cachorrinho ou uma cria ferida. — Não quis assustá-la. Chá gelado. — Pegou na mão dela, vendo que tremia, e fê-la segurar o copo. — Está um dia quente.

— Obrigada. Não vi que estava atrás de mim. — Num gesto que se tornara habitual mas que Lily não percebera, deu um passo para trás, proporcionando alguma distância entre ambos. Distância para fugir. — Estava só a… olhar. Isto é tão bonito.

— Sim, é.

Lily bebeu, refrescando a garganta seca, e fez um esforço por se acalmar e ser educada. As pessoas faziam menos perguntas quando estava calma.

— Mora aqui perto?

— Muito. — Ele sorriu e aproximou-se da balaustrada, apontando para leste. Gostava da voz dela, do sabor lento e quente do sul que ela revelava. — Na casinha branca do outro lado da cavalariça.

— Sim, eu vi-a. Tem portadas azuis e um jardim, e vi também um cão a

dormir no terreiro. — Lily lembrou-se do seu aspeto acolhedor e bem mais simpático do que o da casa principal.

— É o *Beans*. — Adam voltou a sorrir. — O cão. Adora feijões cozidos. Chamo-me Adam Wolfchild, sou o irmão da Willa.

— Oh. — Lily observou a mão que ele lhe estendia por um momento, obrigando-se a aceitá-la. Conseguia, de facto, perceber as parecenças, as maçãs do rosto aguçadas e altas, os olhos. — Não sabia que ela tinha um… Então nós somos…

— Não. — A mão dela pareceu-lhe muito frágil e libertou-a com suavidade. — Vocês partilham um pai. Eu e a Willa partilhamos uma mãe.

— Compreendo. — E, percebendo que mal tinha pensado no homem que acabara de ser enterrado, sentiu vergonha. — Era próximo dele… do seu padrasto?

— Ninguém era. — A resposta fora proferida com simplicidade e sem ponta de amargura. — Não se sente bem aqui. — Reparara que ela se mantinha afastada de concentrações de pessoas, fugindo de todo o contacto, como se o mais leve roçar de ombros a pudesse ferir. Notara também as marcas de violência que ela tanto se esforçara por esconder.

— Não conheço as pessoas.

Ferida, concluiu Adam. Ele sempre se sentira atraído pelos feridos. Ela era linda e estava magoada. Bem vestida com um fato preto simples e sapatos de tacão alto, era ligeiramente mais baixa do que ele, mas demasiado magra para a sua altura. O cabelo era escuro, sugerindo um brilho avermelhado, e caía em ondas suaves que o faziam pensar em asas de anjos. Não conseguia ver os olhos dela através dos óculos de sol, mas gostaria de lhes conhecer a cor e tudo o que eles escondiam.

Tinha o queixo do pai, mas a boca era suave e até pequena, como a de uma criança. Esboçara uma pequena covinha quando tentara sorrir para ele. A pele era cremosa, muito branca — um frágil contraste com as marcas nela deixadas.

Estava só, pensava, e com medo. Era capaz de levar algum tempo a conseguir influenciar Willa a respeito daquela mulher, daquela irmã.

— Tenho de ir ver um cavalo — começou a explicar.

— Oh. — Surpreendeu-a o facto de se sentir desiludida. Tinha querido estar sozinha. Era melhor quando estava sozinha. — Não o detenho mais.

— Gostaria de vir comigo? E ver os animais?

— Os cavalos? Eu… — *Não sejas covarde*, pensou. *Ele não te vai magoar.* — Sim, gostaria muito. Se não estiver a atrapalhar.

— Não está.

Sabendo que ela se retrairia, Adam não lhe ofereceu a mão nem lhe deu o braço, mas indicou a direção apontando para as escadas e atravessando o caminho de terra batida.

Várias pessoas viram-nos partir. E os cochichos começaram, como seria de esperar. Afinal, Lily Mercy era uma das filhas de Jack Mercy, embora fosse de poucas falas. Algo que nunca fora um problema para Willa, não senhor. Ora ali estava uma rapariga que dizia muito, sempre que sentia vontade de o fazer.

E quanto à outra, bem, eram outros quinhentos. Empertigada, sim senhora, a pavonear-se com um fato fino e a olhar de cima para os outros. Qualquer pessoa com olhos na cara via a forma como assistira ao funeral, fria como gelo. Era uma bonita visão, sem dúvida. Jack tivera belas filhas e aquela, a mais velha, tinha os olhos dele. Duros, incisivos e azuis.

Era evidente que ela se achava melhor do que todos os presentes, com o seu verniz californiano e sapatos caros, mas muitos se lembravam de que a sua mãe fora uma bailarina de Las Vegas, com uma gargalhada aberta e louca e uma boca pouco limpa. Os que dela se lembravam de imediato decidiram que preferiam a mãe à filha.

Tess Mercy não queria saber. Estava ali, naquelas traseiras do mundo, mas só até à leitura do testamento. Levaria o que lhe pertencia, que era menos do que o velho sacana lhe devia, e limparia o pó dos seus sapatos *Ferragamo*.

— Estarei de volta na segunda-feira, o mais tardar.

Falava ao telefone enquanto caminhava pelo espaço, agitando os braços, espalhando uma energia nervosa pela divisão. Fechara as portas daquilo que seria, supostamente, um escritório, esperando conseguir alguns momentos de privacidade. Esforçava-se por ignorar os animais empalhados espetados nas quatro paredes.

— O argumento está terminado. — Sorriu levemente, entrelaçando os dedos numa madeixa de cabelo negro que se curvava no queixo. — Podes crer que é brilhante e que vai estar nessas mãozinhas na segunda-feira. Não me chateies, Ira — avisou o agente. — Vais ter o teu guião e só tens de conseguir a venda. Estou com alguns problemas de liquidez.

Trocou o telefone de posição e concentrou-se em servir um copo de *brandy* do *decanter*. Ainda escutava as promessas e súplicas de Hollywood quando viu pela janela Lily e Adam a passearem.

Interessante, pensou, bebendo. *O Ratinho e o Bom Selvagem*.

Tess fizera umas pesquisas antes de ir para o Montana. Sabia que Adam Wolfchild era filho da terceira e última mulher de Jack Mercy. Que tinha oito

anos quando a mãe se casara com Mercy. Wolfchild era da tribo Blackfoot — pelo menos, em parte. A sua mãe era parte índia. O homem vivera vinte e cinco anos no Rancho Mercy e tinha pouco mais do que uma casinha e um emprego a cuidar de cavalos.

Tess tencionava ter muito mais.

Já Lily estava divorciada, sem filhos e parecia movimentar-se muito. Provavelmente porque o marido a usara como saco de porrada, concluiu Tess, controlando uma onda repentina de solidariedade. Não podia permitir-se apegos emocionais. Era tudo uma questão de negócios.

A mãe de Lily fora uma fotógrafa que viera para o Montana para tirar fotografias do Oeste real. Acabara por se envolver com Jack Mercy — para o melhor e para o pior.

E depois havia Willa. O rosto de Tess ficou tenso ao pensar em Willa. A filha que ficara. A única com que o sacana ficara.

Bem, agora aquilo era dela, pensava Tess, encolhendo os ombros. E achava muito bem. Merecera-o, sem dúvida. Mas Tess Mercy não ia sair dali com uns trocos.

Espreitando pela janela, observou as planícies que se estendiam na distância, desenrolando-se interminavelmente, vazias como a Lua. Com um tremor, voltou as costas à vista. Céus, como precisava de Rodeo Drive.

— Segunda-feira, Ira — repetiu, agressivamente, já irritada com a voz dele. — No teu escritório, ao meio-dia em ponto. E depois levas-me a almoçar.

Terminando assim a chamada, pousou o auscultador no descanso.

Três dias, no máximo, prometeu a si mesma, brindando a um alce com o seu balão de *brandy*. Então sairia da parvónia direta para a civilização.

— Não devia ser preciso lembrar-te de que temos convidados lá em baixo, Will.

Bess Pringle estava de pé, com as mãos nas ancas largas, usando o mesmo tom que usava quando Willa tinha dez anos.

Willa vestiu as calças de ganga. Bess não acreditava em tolices como a privacidade e mal batera à porta antes de entrar esbaforida pelo quarto. Willa respondeu como se tivesse dez anos.

— Então não lembres.

Sentou-se para puxar as botas.

— Educação é uma palavra de oito letras.

— Trabalho também e alguém tem de o fazer.

— E tens gente aqui que chegue para não o fazeres por um dia. Não vais sair daqui, logo hoje. Não parece bem.

O que parecia bem ou mal era o máximo que o código moral de Bess conseguia atingir. Era uma mulher magra, toda ossos e dentes, embora conseguisse arar sozinha um campo de pedras e fosse lambareira como uma criança de oito anos. Tinha cinquenta e oito — mudara a data de nascimento na certidão para o provar — e possuía uma juba de cabelo vermelho que pintava em segredo e usava sempre apertado num puxo discreto.

A sua voz era áspera como a casca de um pinheiro e o rosto suave como o de uma menina — surpreendentemente bonito com os seus olhos verdes como musgo e um nariz irlandês arrebitado. Tinha mãos pequenas, ágeis e competentes. Assim era também o seu temperamento.

Com os punhos ainda colados às ancas, marchou na direção de Willa e fitou-a com seriedade.

— Mexe-me esse rabo atrevido pelas escadas abaixo e recebe os teus convidados.

— Tenho um rancho para gerir. — Willa levantou-se. Pouco importava que com as suas botas ficasse mais alta do que Bess. A luta de vontades sempre fora tensa entre elas. — E não são meus convidados. Não fui eu que os convidei.

— Vieram transmitir condolências. Fica bem.

— Vieram gabar-se e pavonear-se pela casa. E já se deviam ter ido embora.

— Talvez alguns tenham ido. — Bess apontou com um aceno nervoso de cabeça. — Mas ainda há muitos que vieram por ti.

— Não quero saber deles. — Willa voltou-se, pegou no chapéu e ficou a contemplar o exterior da janela, esmagando a aba com os dedos. A janela dava para as montanhas, para a cordilheira escura e cheia de árvores, para os cumes aguçados que continham toda a beleza e mistério do mundo. — Não preciso deles. Não consigo respirar com tanta gente à minha volta.

Bess hesitou antes de pousar a mão no ombro de Willa. Jack Mercy não quisera uma educação delicada para aquela filha. Sem mimos, sem cuidados, sem carinhos. Deixara-o bem claro ainda Willa andava de fraldas. Por isso, Bess mimara, protegera e acarinhara a menina apenas quando sabia que não seria apanhada e mandada embora como uma das mulheres de Jack.

— Querida, tens muito por que chorar.

— Ele está morto e enterrado. Ter pena não ajuda nada. — Mas ergueu a mão e cobriu a mão mais pequena de Bess. — Não me disse que estava doente, Bess. Nem me deixou cuidar dele naquelas últimas semanas, nem dizer adeus.

— Era um homem orgulhoso — comentou Bess, embora pensando em como tinha sido um sacana. Um sacana egoísta. — Foi melhor o cancro tê-lo levado rapidamente do que deixá-lo a sofrer. Teria detestado isso, e teria sido ainda mais difícil para ti.

— Seja como for, está feito. — Ajeitou a aba larga do chapéu e colocou-o na cabeça. — Tenho animais e pessoas à minha espera. Todos precisam de saber — já que, agora, quem manda aqui sou eu — que o Rancho Mercy ainda é gerido por um Mercy.

— Então faz o que tiveres a fazer. — A sua longa experiência dizia-lhe que o que ficava bem pouco importava quando era preciso resolver assuntos do rancho. — Mas volta à hora do jantar. Vais sentar-te e comer em condições.

— Tira esta gente toda de casa e eu venho.

Saiu da divisão, dirigindo-se às escadas das traseiras. Davam para a parte este da casa e permitiam-lhe acesso ao vestíbulo. Até ali conseguia escutar o zumbido das conversas vindo das outras divisões e, por vezes, uma gargalhada. Infeliz com aquele cenário, bateu com a porta e parou quando viu dois homens a fumarem amigavelmente no alpendre lateral.

O olhar dela concentrou-se no mais velho e na garrafa de cerveja que lhe pendia dos dedos.

— Estás a divertir-te, Ham?

O tom sarcástico de Willa não afetara Hamilton Dawson. Fora ele que a ensinara a montar o seu primeiro pónei, que lhe ligara a cabeça depois da primeira queda. Ensinara-a a usar uma corda, a disparar uma espingarda e a preparar um veado. Agora, limitava-se a enfiar o cigarro pela pequena abertura rodeada de pelos grisalhos e a exalar um anel de fumo.

— Está — desenhou mais um anel — uma bela tarde.

— Quero a cerca da fronteira noroeste verificada.

— Já está — respondeu placidamente, continuando a apoiar-se na balaustrada. Era um homem baixo, largo e as pernas curvavam como uma fúrcula. Como capataz do rancho sabia o que era preciso fazer tão bem quanto Willa. — Tenho uma equipa a tratar das reparações. Mandei o Brewster e o Pickles para as terras altas. Perdemos duas cabeças de gado. É capaz de ser um leão-da-montanha. — Fumou novamente, exalando mais fumo. — O Brewster resolve o problema. Gosta de andar aos tiros.

— Quero falar com ele quando voltar.

— Contava que sim. — Endireitou-se e afastou-se da balaustrada, ajustando o seu chapéu velho e escuro. — É altura do desmame.

— Sim, eu sei.

Já esperava que ela soubesse e assentiu novamente.

— Vou ter com os que andam a verificar as reparações. Lamento pelo teu pai, Will.

Willa sabia que aquelas palavras entaladas entre assuntos relacionados com o rancho eram mais sinceras e pessoais do que as toneladas de flores enviadas por estranhos.

— Depois vou ter convosco.

Ele acenou para ela e para o homem a seu lado. Depois seguiu caminho com as suas pernas arqueadas até ao carro.

— Como te estás a aguentar, Will?

Ela encolheu um ombro, frustrada por não saber o que fazer a seguir.

— Quero que seja amanhã — disse. — Amanhã será mais fácil, não te parece, Nate?

Porque não lhe queria dizer que não, Nate bebeu um gole de cerveja. Estava ali como amigo, como companheiro de rancho, como vizinho. Também estava ali como advogado de Jack Mercy e sabia que, dentro de momentos, ia destruir a mulher que estava a seu lado.

— Vamos dar um passeio. — Pousou a cerveja na balaustrada e tomou o braço de Willa. — Preciso de esticar as pernas.

E que pernas. Nathan Torrence era muito alto. Atingira um metro e noventa aos dezassete anos e continuara a crescer. Agora, aos trinta e três, media dois metros de altura. O cabelo era da cor da palha e escondia-se por baixo do seu chapéu. Os olhos eram azuis como o céu do Montana, encaixados num rosto belo e marcado pelo sol e pelo vento. Na extremidade de uns braços muito longos surgiam umas mãos enormes. E no final das suas pernas compridas espreitavam uns pés igualmente imensos. Apesar de tudo, era surpreendentemente gracioso.

Parecia um *cowboy* e andava como um *cowboy*. Quando se tratava de assuntos de família, cavalos e a poesia de Keats, o seu coração era doce como mel. Quando o assunto era relacionado com a lei, sobre justiça ou apenas distinguir o bem do mal, a sua mente era fria como granito.

Sentia um profundo afeto por Willa Mercy. E detestava o facto de não poder evitar fazê-la sofrer.

— Nunca perdi ninguém próximo — comentou. — Não posso dizer que saiba o que estás a sentir.

Willa continuou a andar, passando pelo refeitório, pelo dormitório e pelo galinheiro, onde as galinhas começavam a dormitar.

— Ele nunca permitiu que ninguém se aproximasse dele. Não sei como me sinto.

— O rancho… — Era um assunto melindroso e Nate tentava sondar com cuidado. — É muito trabalho para uma só pessoa.

— Temos boa gente, um belo gado e um terreno maravilhoso. — Não era difícil sorrir para Nate. Nunca era. — Bons amigos.

— Podes chamar-me sempre que precisares, Will. A mim ou a qualquer outra pessoa da terra.

— Eu sei disso. — Olhou para além dele, para os currais, os edifícios, as casas e mais além, para onde a terra se perdia na base do céu. — Há mais de cem anos que é um Mercy que gere isto. Cria gado, semeia a terra, cria os cavalos. Eu sei o que precisa de ser feito e como fazê-lo. Nada muda, nunca.

Tudo muda, pensou Nate. E o mundo de que ela acabara de falar preparava-se para sofrer uma reviravolta graças ao coração frio de um homem morto. Era melhor que isso se desse agora, de uma vez por todas, antes de ela montar um cavalo ou subir a um camião e desaparecer.

— Acho melhor darmos início à leitura do testamento — decidiu Nate.

2

O escritório de Jack Mercy, no segundo piso da casa principal, era grande como um salão de baile. As paredes estavam cobertas por tábuas de pinho das suas próprias árvores, envernizadas num tom que providenciava uma luz dourada ao espaço. As janelas enormes ofereciam vistas para o rancho, a terra e o céu. Jack gostava de dizer que conseguia ver o que um homem precisava de ver através daquelas janelas, sem cortinas, mas faustosamente trabalhadas.

No chão dispunham-se os tapetes que colecionara. As cadeiras eram revestidas a pele, como era da sua preferência, em tons verdes e castanhos.

Os seus troféus estavam expostos nas paredes — cabeças de alces, carneiros, ursos e veados. Aninhado a um canto, como se prestes a atacar, estava um enorme urso-pardo, de presas expostas e olhos vítreos carregados de ódio.

Algumas das suas armas favoritas estavam expostas numa vitrina fechada à chave. A espingarda e o revólver *Colt Peacemaker* do seu bisavô Henry, a caçadeira *Browning* que abatera o urso, a *Mossberg* 500 que ele apelidara de limpa-pombas e a *Magnum* de calibre 44 que usava para caça corpo a corpo.

Era o espaço de um homem, com os aromas masculinos do couro e da madeira e uma leve insinuação de tabaco deixada pelos charutos cubanos que gostava de fumar.

A secretária, que ele mandara fazer por encomenda, era um lago de madeira envernizada, um labirinto de gavetas com dobradiças em latão polido. Nate estava sentado atrás dela, verificando os papéis, enquanto esperava que os presentes se instalassem.

A Tess parecia que aquele homem estava tão deslocado quanto um barril de cerveja numa igreja. *O advogado-cowboy*, pensou, sorrindo levemente,

vestido com o seu fato domingueiro. Embora fosse um homem interessante, no seu estilo rude e campesino. Um jovem Jimmy Stewart, concluía, todo braços e pernas e com uma sexualidade silenciosa. Mas homens grandes e desengonçados que calçavam botas e vestiam gabardinas não faziam bem o seu género.

E ela queria acabar com o assunto e voltar para Los Angeles. Revirou os olhos quando vislumbrou o urso-pardo ameaçador, a cabeça da cabra-montês toda despenteada, as armas que os tinham caçado. *Que sítio*, pensou. *E que gente*.

Para além do advogado-*cowboy*, havia a governanta esquelética de cabelo fogoso que estava sentada numa cadeira de costas altas, com os joelhos unidos e modestamente tapados por uma saia preta perfeitamente horrível. Então surgiu o Bom Selvagem, de rosto espantosamente belo, olhos enigmáticos e um leve odor a cavalos que não parecia largá-lo.

A Lily nervosa, pensou Tess, continuando a sua pesquisa, unindo as mãos como torniquetes e baixando a cabeça, como se isso conseguisse esconder as nódoas negras do seu rosto. Bela e frágil como um pássaro perdido e lançado para o meio de um bando de abutres.

Quando o coração de Tess começou a agitar-se, voltou-se deliberadamente para Willa.

A vaqueira Mercy, pensou, desdenhosa. Amuada, provavelmente estúpida e calada. Pelo menos, a mulher ficava melhor de calças de ganga e camisa de flanela do que com o vestido largo que usara no funeral. Na verdade, até tinha uma bela figura, ali sentada no cadeirão de pele, com a bota pousada no joelho e o rosto estranhamente exótico plácido como o de uma estátua.

E visto que ainda não conseguira divisar uma lágrima a derramar-se dos seus olhos negros, Tess partiu do princípio de que Willa não nutria mais sentimentos por Jack Mercy do que ela própria.

Eram apenas negócios, concluiu, tamborilando com os dedos impacientemente no braço da cadeira.

Vamos lá resolver isto.

Precisamente nesse momento, Nate ergueu o olhar que se cruzou com o dela. Por um momento desconfortável, sentiu que ele sabia o que lhe ia na cabeça. E a censura de tudo o que lhe dizia respeito tornou-se evidente como o céu que se abria pela janela por trás dele.

Pensa o que quiseres, decidiu, mantendo o contacto ocular. *Mas dá-me o meu dinheiro*.

— Podemos fazer isto de duas maneiras — começou Nate. — Formalmente: posso ler o testamento do Jack palavra a palavra e explicar o que todos os termos legais significam. Ou posso explicar o significado, as condições e as

opções. — Deliberadamente, olhou para Willa. Ela era a mais importante para ele. — Decide.

— Faz da forma mais fácil, Nate.

— Muito bem, então. Bess, ele deixou-te mil dólares por cada ano que passaste no rancho. Isso perfaz trinta e quatro mil dólares.

— Trinta e quatro mil — repetiu Bess, de olhos esbugalhados. — Céus, Nate. O que vou eu fazer com tanto dinheiro?

Ele sorriu.

— Ora, gasta-o, Bess. Podes investir parte. Posso ajudar-te com isso.

— Céus. — Incrédula, olhou para Willa e para as suas mãos, voltando o olhar para Nate. — Céus.

E Tess pensou: *se a governanta tem direito a trinta mil, eu devo receber, pelo menos, o dobro.* E sabia muito bem o que faria a tanto dinheiro.

— Adam, de acordo com um acordo que o Jack estabeleceu com a tua mãe quando se casaram, receberás vinte mil dólares ou dois por cento do Rancho Mercy, como preferires. Posso dizer-te que a percentagem vale muito mais do que o dinheiro, mas a decisão é tua.

— Não chega. — A voz de Willa surgiu num berro, assustando Lily e fazendo Tess arquear uma sobrancelha. — Não está certo. Dois por cento? O Adam trabalha neste rancho desde os oito anos. Ele…

— Willa. — Sentado na cadeira atrás dela, Adam pousou uma mão no ombro dela. — Chega perfeitamente.

— Não chega nada. — Furiosa por ele, pela injustiça que estava a testemunhar, afastou a mão dele. — Temos uma das melhores estirpes de cavalos do estado. Graças ao Adam. Os cavalos deviam ser dele. Assim como a casa onde vive. Ele devia receber terra e dinheiro para investir nela.

— Willa. — Paciente, Adam voltou a tranquilizá-la com a mão, deixando-a pousada no ombro dela. — Foi isso que a nossa mãe pediu e foi isso que ele deu.

Willa cedeu porque alguns olhares estranhos os fixavam. E porque estava decidida a alterar a decisão. Pediria a Nate que preparasse os documentos antes do final do dia.

— Desculpa. — Pousou as mãos calmamente nos braços da cadeira. — Força, Nate.

— O rancho e o que lhe está ligado — recomeçou Nate —, o gado, o equipamento, os veículos, as madeiras… — Fez uma pausa e preparou-se para a infeliz tarefa de destruir as esperanças das pessoas. — O negócio do Rancho Mercy deverá continuar como de costume, com as despesas saldadas, os salários pagos, os lucros poupados ou reinvestidos, à tua responsabilidade, Will, sob a supervisão de um executor durante um ano.

— Espera. — Willa ergueu uma mão. — Ele quer que tu supervisiones a gestão do rancho durante um ano?

— Em determinadas condições — acrescentou Nate, com os olhos carregados de desculpas. — Se essas condições forem cumpridas no período de um ano, começando dentro de quinze dias após a leitura do testamento, o rancho e todo o seu conteúdo será propriedade e rendimento das beneficiárias.

— Que condições? — quis saber Willa. — Que beneficiárias? Mas que raio se passa aqui, Nate?

— O Jack deixou um terço da propriedade a cada uma das suas filhas. — Observou o rosto de Willa ficar automaticamente sem cor e, amaldiçoando Jack Mercy, continuou a explicar. — Para herdar, as três deverão viver no rancho, não deixando a propriedade por mais do que uma semana, durante um ano inteiro. No final desse período, se as condições tiverem sido observadas, cada beneficiária receberá a sua parte. Durante dez anos, essa parte não poderá ser vendida nem transferida a outra pessoa senão uma das beneficiárias.

— Espere um minuto. — Tess pousou a sua bebida. — Está a dizer que tenho direito a uma terça parte de um rancho de gado no meio de nenhures, no Montana, e para ter direito a ela tenho de me mudar para cá? Viver aqui? Abdicar da minha vida por um ano? Nem pensar. — Levantou-se, graciosamente, descruzando as suas longas pernas. — Não quero o teu rancho, menina — disse a Willa. — Podes ficar com cada grão de poeira e cada vaca. Isto não vai funcionar. Dá-me a minha parte em dinheiro, que eu desapareço da tua vista.

— Perdoe-me, menina Mercy. — Nate pôs-se ao nível dela, levantando-se da cadeira. *Louca como uma galinha de duas cabeças*, pensou, *e suficientemente fria para o disfarçar*. — Vai ter de funcionar. As condições e os desejos dele estão bem pensados, bem claros e, se não concordarem com estas exigências, o rancho será doado inteiramente à Reserva Natural.

— Doado? — Apanhada de surpresa, Willa levou as mãos à cabeça. Apoderara-se dela uma onda de mágoa e raiva e um medo terrível que lhe tolhia as entranhas. Teria de ultrapassar aquela barreira de emoções e pensar.

Ponderou no prazo dos dez anos. Serviria para impedir que a terra fosse avaliada pelo IRS pelo valor de mercado em vez de o ser pelo valor real. Jack detestava o governo como se fosse veneno e não permitiria que um tostão lhe fosse parar aos cofres. Mas ameaçar doar tudo ao tipo de organização a que ele costumava chamar «namorados das baleias» ou «amantes das árvores» não fazia qualquer sentido.

— Se não aceitarmos — continuou, tentando manter a calma —, ele pode

doar tudo simplesmente? Dar as terras que foram dos Mercy durante mais de um século se aquelas duas não fizerem o que diz no papel? E se eu não aceitar?

Nate exalou profundamente, detestando-se por ter de desempenhar aquele papel.

— Lamento, Willa. Não houve forma de lhe dar a volta. Foi assim que ele quis que isto se processasse. Se qualquer uma das duas se for embora, se as condições não forem cumpridas, o rancho é doado. Recebem cem dólares e nada mais.

— Cem dólares? — O absurdo da possibilidade apanhou Tess completamente desprevenida, fazendo-a recostar-se na cadeira a rir-se. — Que sacana.

— Cala-te. — A voz de Willa era como um chicote quando se levantou. — Cala-te de uma vez. Podemos contestar o testamento, Nate? Vale a pena tentar?

— Se queres a minha opinião legal, não. Demoraria anos e consumiria muito dinheiro. O mais certo era perderes.

— Eu fico. — Lily esforçava-se por controlar a respiração. Um lar, segurança, conforto. Estava tudo ali, mesmo à sua frente, como um estranho presente. — Lamento muito. — Levantou-se quando Willa deu meia-volta para a enfrentar. — Não é justo para ti. Não está certo. Não sei porque fez isto, mas eu fico. Quando o ano terminar, vendo-te a minha parte pelo que achares justo e correto. É um belo rancho — acrescentou, tentando sorrir quando Willa apenas a fitava. — Todos aqui sabem que é teu. Afinal de contas, é só um ano.

— Que querida — comentou Tess. — Mas era o que me faltava ficar aqui um ano. — Vou voltar a Los Angeles amanhã de manhã.

Com a cabeça a andar à roda, Willa fitou-a com cuidado. Por muito que quisesse as duas irmãs fora dali, queria muito mais poder ficar com o rancho. Muito mais.

— Nate, o que acontece se uma de nós morrer de repente?

— Engraçadinha. — Tess voltou a pegar no seu balão de *brandy*. — Humor à moda do Montana?

— No caso de uma das beneficiárias falecer dentro de um ano, as restantes terão direito a metade da propriedade, nas mesmas condições.

— Então estás a pensar matar-me enquanto durmo? Enterrar-me na pradaria? — Tess dedilhou no vazio, demonstrando indiferença. — Não me podem obrigar a ficar aqui, a viver assim.

Talvez não, pensou Willa, *mas o dinheiro parecia saber falar com algumas pessoas.*

— Eu não te quero aqui. Não quero nenhuma das duas, mas faço o que for

preciso para ficar com o rancho. A menina Hollywood poderá querer saber o valor dos seus hectares de poeira, Nate.

— Podemos estimar, de acordo com o valor atual do mercado e tendo em conta apenas os edifícios, excluindo o gado… que valerá entre dezoito a vinte milhões.

Uma pequena onda de *brandy* transpôs a delicada orla do copo que Tess segurava, quando esta agitou a mão em sobressalto.

— Céus.

A reação de Tess mereceu um olhar de desdém de Bess e um riso trocista de Willa.

— Bem me parecia que a mensagem passaria melhor assim — murmurou Willa. — Quando foi a última vez que ganhaste seis milhões num ano… mana?

— Arranjam-me um copo de água? — sussurrou Lily, atraindo a atenção de Willa.

— Senta-te antes que caias. — Empurrou Lily sem grande cuidado, fazendo-a sentar-se numa cadeira e começando a caminhar nervosamente pela sala de seguida. — Quero que leias o testamento, palavra por palavra, Nate. Quero meter isto muito bem na minha cabeça.

Dirigiu-se a um armário de bebidas lacado e fez algo que nunca tinha feito quando o pai estava vivo. Abriu o uísque dele e bebeu.

Bebeu em silêncio, deixando que o ardor do álcool descesse devagar pela garganta, enquanto escutava a leitura de Nate. E tentou não pensar nos anos que dedicara a tentar conquistar o amor do pai, para não falar do seu respeito. E confiança.

No final, ele atirara-a para o meio das filhas que nem conhecia. Porque, pensando bem, nenhuma das duas alguma vez significara algo para ele.

Um nome que Nate balbuciou arranhou-lhe os ouvidos.

— Espera lá. Espera lá, se fazes o favor. Disseste Ben McKinnon?

Nate endireitou-se na cadeira e pigarreou. Tivera esperança de que aquele pormenor lhe passasse ao lado, por enquanto. Já recebera demasiadas novidades para um dia.

— O teu pai escolheu-nos, a mim e ao Ben, para supervisionar a gestão do rancho durante o ano probatório.

— Esse cabeça de peru vai andar em cima de mim durante um ano inteiro, porra?

— Não praguejes nesta casa, Will — resmungou Bess.

— Praguejo até a casa vir abaixo, se me apetecer. Mas por que raio escolheu ele o McKinnon?

— O teu pai achava que o rancho Três Rochedos só era inferior ao Mercy. Queria alguém que conhecesse os altos e baixos do negócio.

O McKinnon sabe ser mau como as cobras, dissera Mercy a Nate. E não aceitava tretas de uma mulher.

— Nenhum de nós vai andar em cima de ti — tranquilizou Nate. — Também temos ranchos para gerir. É só um pormenor.

— Tretas. — Mas Will controlou-se. — O McKinnon já sabe disto? Não veio ao funeral.

— Tinha assuntos para tratar em Bozeman. Deve voltar logo ou amanhã. E sim, sabe.

— Deve ter-se fartado de rir, claro.

Nate recordava-se de que o homem quase morrera às gargalhadas, mas controlou a expressão do olhar.

— Não é uma piada, Will. São negócios. E a situação é temporária. Só precisas de aguentar quatro estações. — Nate sorriu. — Só temos de fazer isso.

— Vou conseguir dar conta disto. Deus saberá se estas duas conseguirão. — Fitou as irmãs e abanou a cabeça. — Porque estás a tremer? — perguntou a Lily. — Estão em causa milhões de dólares e não um pelotão de fuzilamento. Credo, mulher, bebe isto.

Willa espetou o copo de uísque na mão de Lily.

— Para de implicar com ela. — Arreliada, querendo instintivamente proteger Lily, Tess colocou-se entre as duas.

— Não estou a implicar com ela. E desaparece-me da frente.

— Vou estar à tua frente durante um ano. Habitua-te.

— Então é melhor habituares-te à maneira como as coisas funcionam aqui. Ficas, mas não vais sentar esse rabinho mimado. Vais trabalhar.

Ao som do comentário sobre o seu «rabinho mimado», Tess inalou profundamente. Eliminara cada quilo a mais que acumulara no liceu à custa de muita fome e muito exercício, e estava muitíssimo orgulhosa dos seus resultados.

— Fixa bem isto, seu peito de tábua de engomar arrogante: se eu me for embora, perdes tudo. E se achas que vou aceitar ordens de uma vaqueira ignorante e com cara de sonsa, és bem mais estúpida do que pareces.

— Vais fazer exatamente o que te disser — corrigiu-a Willa. — Ou, em vez de teres uma caminha agradável nesta casa, vais ter de montar uma tenda no monte durante o próximo ano.

— Tenho tanto direito de estar debaixo deste telhado como tu. Até mais, porque ele casou com a minha mãe primeiro.

— Isso só faz de ti a mais velha — retrucou Willa, apreciando com prazer

o efeito do comentário. — E a tua mãe era uma corista de cabelo pintado com mais mamas que miolos.

O que quer que Tess pudesse fazer ou dizer em resposta foi evitado pelas lágrimas repentinas de Lily.

— Satisfeita? — perguntou Tess, empurrando Willa com força.

— Parem. — Cansado da discussão, Adam travou-as com um olhar. — Deviam ter vergonha. — Debruçou-se com cuidado, murmurando para Lily e ajudando-a a levantar-se. — Precisas de apanhar ar fresco — sugeriu, com simpatia. — E comida. Vais sentir-te melhor num instante.

— Leva-a a dar um passeio — sugeriu Bess, levantando-se com dificuldade. A cabeça latejava-lhe como se a estivessem a martelar. — Vou preparar o jantar. Estou muito envergonhada por ambas — disse a Tess e a Willa. — Conheci as mães das duas. Esperariam muito mais de vocês.

Resfolegou e, com dignidade, voltou-se para Nate.

— Fica para jantar, se quiseres, Nate. Há comida que chegue.

— Obrigado, Bess, mas… — Tinha de fugir dali antes que o matassem. — Preciso de ir indo para casa. — Juntou os papéis, atento às duas mulheres que ainda estavam na sala, fitando-se ameaçadoramente. — Vou deixar três exemplares de cada um dos documentos. Se tiverem dúvidas, sabem onde estou. Se não me disserem nada, volto cá daqui a uns dias para ver… Para ver — concluiu.

Nate pegou no chapéu e na pasta e abandonou o campo de batalha.

Novamente calma, Willa respirou fundo.

— Verti suor e lágrimas neste rancho desde o dia em que nasci. Tu não queres saber disto para nada, nem eu me importo com isso. Mas não vou perder o que é meu. Tu achas que isso me deixa indefesa, mas eu sei que não vais voltar as costas a esta quantidade inominável de dinheiro que nunca esperaste ter ao teu alcance. Por isso, estamos quites.

Com um aceno de cabeça, Tess sentou-se no braço da cadeira e cruzou as pernas sedosas.

— Então definimos as nossas condições para vivermos em conjunto durante o próximo ano. Achas que é fácil para mim deixar o meu lar, os meus amigos, o meu estilo de vida por um ano. Não é. — Tess pensou com saudade no seu apartamento, na discoteca, em Rodeo Drive. Depois ergueu o queixo. — Mas não, não vou voltar as costas ao que é meu.

— Teu, o tanas.

Tess limitou-se a inclinar a cabeça.

— Gostemos ou não, e duvido que qualquer uma de nós goste, sou tão filha dele como tu. Não cresci aqui porque ele me pôs na rua com a minha

mãe. Isso é um facto e, depois de ter passado aqui um dia, começo a ficar-lhe grata por isso. Mas vou aguentar-me por um ano.

Pensativamente, Willa pegou no uísque que Lily não bebera. A ambição e a ganância eram excelentes fontes de motivação. Ela aguentaria, sem dúvida.

— Até ao fim?

— Podes comprar a minha saída. — A imagem de tanto dinheiro fazia-a sorrir por dentro. — Ou, se não for possível, podes enviar-me cheques da minha parte dos lucros para Los Angeles. Que é onde estarei depois de este ano terminar.

Will bebeu um pouco mais de uísque e fez um esforço por se concentrar.

— Sabes montar?

— Montar o quê?

Rindo-se de forma trocista, Will voltou a beber.

— Típico. Nem deves saber distinguir um pito de um peru.

— Ora, acho que sei bem o que é um pito — brincou, admirada por ouvir Willa rir-se.

— As pessoas daqui trabalham muito. É outro facto. Tenho preocupações que cheguem, entre trabalhadores e gado, por isso, não quero ter de me preocupar contigo. Terás de aceitar as indicações da Bess.

— Esperas que aceite ordens de uma governanta?

O olhar de Willa era frio como aço.

— Aceitarás as ordens da mulher que te dará de comer, te tratará da roupa e limpará a casa onde vives. E a primeira vez que a tratares como uma criada será a última. Prometo-te. Já não estás em Los Angeles, menina Hollywood. Aqui toda a gente dá o corpo ao manifesto.

— Acontece que tenho uma carreira.

— Sim, a escrever coisas para o cinema. — Devia haver trabalhos mais inúteis, mas Willa não conseguia pensar em nenhum. — Bem, o dia tem vinte e quatro horas. Vais aprender isso num instante. — Cansada, Will caminhou até à janela por trás da secretária. — Que raio vou fazer com o passarinho ferido?

— É mais uma flor esmagada.

Surpreendida pela empatia expressa no tom de voz de Tess, Willa olhou para trás e encolheu os ombros.

— Ela contou-te alguma coisa sobre as nódoas negras?

— Falei com ela tanto como tu. — Tess tentou afastar o sentimento de culpa. Não podia envolver-se. — Não é propriamente uma reunião familiar.

— Ela vai contar ao Adam. Mais tarde ou mais cedo, toda a gente conta ao Adam o que a magoa. Deixaremos o Adam tratar dela, por agora.

— Perfeito. Amanhã volto a Los Angeles. Para fazer as malas.

— Um dos homens leva-te ao aeroporto. — Dispensando Tess, Willa voltou-se para a janela. — Faz um favor a ti mesma, menina Hollywood, e compra roupa interior comprida.

Will saiu a cavalo ao final do dia. O sol sangrava sobre os picos ocidentais, mergulhando o céu num vermelho rico e maduro. Precisava de pensar e de se acalmar. Debaixo dela, a égua Appaloosa parecia agitada e mordia o arreio.

— Certo, *Moon*, vamos correr até isto nos passar.

Puxando as rédeas, Will mudou de direção e deu a ordem à égua ansiosa. Afastaram-se das luzes, dos edifícios, dos sons do rancho, embrenhando-se na terra aberta, lá onde o rio curvava.

Seguiram pelas suas margens, cavalgando para este na noite, à medida que as primeiras estrelas surgiam no céu e os únicos sons que escutavam eram o correr da água e o ribombar dos cascos. O gado pastava e os falcões pairavam no ar. No cimo de uma elevação, Will observava quilómetros e quilómetros de silhuetas de árvores altaneiras, a ondulação da erva no prado, o desenho interminável das cercas. E, à distância, na noite cristalina, a luz suave de um rancho vizinho.

A propriedade dos McKinnon.

A égua agitou a cabeça e resfolegou quando Will a mandou parar.

— Ainda não libertámos tudo, pois não?

Não, a raiva ainda fervia dentro dela, tal como a energia ainda vibrava nos músculos da sua montada. Willa queria que desaparecesse, aquela fúria violenta e amarga, e a dor que se agitava sob ela. Não a ajudaria a enfrentar o ano que se avizinhava. Não a ajudaria a lidar com a hora que se seguia, pensava, fechando os olhos com força.

Não derramaria uma lágrima sequer. Nem por Jack Mercy, nem pela sua filha mais nova.

Respirou fundo, inalou o aroma da erva, da noite e da égua. Precisava de controlo, de um controlo implacável e calculado. Descobriria uma forma de lidar com as duas irmãs que lhe tinham sido impostas, de as manter na linha e no rancho. Custasse o que custasse, certificar-se-ia de que levariam o desafio avante.

Arranjaria uma forma de lidar com os supervisores que também lhe tinham sido impostos. Nate era um problema irritante mas não sério, decidiu, ordenando a *Moon* uma passada tranquila. Não faria mais nem menos do que o seu dever legal. O que significava, na opinião de Willa, que se manteria

afastado dos assuntos do dia a dia do Rancho Mercy e cumpriria o seu papel sem muitas interferências.

Até conseguia sentir pena dele. Conhecia-o há muito e sabia que ele não apreciaria minimamente a posição em que fora colocado. Nate era justo, honesto e vivia satisfeito com a vida que levava.

Ben McKinnon, pensou Will, sentindo a raiva agitar-se novamente.

Esse era um assunto diferente. Não tinha dúvidas de que saberia apreciar cada minuto. Meteria o bedelho a cada oportunidade e ela teria de o aceitar. Mas, pensava com um sorriso sinistro, não teria de o aceitar a bem, nem de lhe facilitar a vida.

Oh, ela conhecia bem as intenções de Jack Mercy e isso fazia-lhe ferver o sangue ainda mais. Conseguia sentir o calor da fúria incendiar-lhe a pele, esfumando-se no ar frio da noite, enquanto observava as luzes e silhuetas do Rancho Três Rochedos.

As terras dos McKinnon e dos Mercy tinham vivido lado a lado durante gerações. Alguns anos depois de os Sioux terem tratado de Custer, dois homens que caçavam nas montanhas e haviam reivindicado as suas terras no Texas tinham comprado gado barato que conduziram como companheiros até ao Montana. Mas a parceria fora interrompida e cada um reivindicara a sua terra, o seu gado e construíra o seu rancho.

Assim, houvera sempre o Rancho Mercy e o Rancho Três Rochedos a expandir, a prosperar, a lutar e a sobreviver.

E Jack Mercy sempre sonhara com as terras dos McKinnon. Terras que não podiam ser compradas, roubadas, nem angariadas de qualquer forma. *Mas podiam ser fundidas*, ponderava agora Willa.

Se as terras dos Mercy e dos McKinnon se unissem, o resultado seria um dos maiores e mais importantes ranchos do Oeste.

Só precisava de vender a filha. Para que mais serviria uma filha, afinal? Para trocar, como um belo vitelo. Bastava pô-la diante do touro algumas vezes, que a natureza tratava do resto.

Por isso, porque não tinha um filho, tentava fazer o melhor que podia. Poria a filha diante dos olhos de Ben McKinnon. E todos saberiam disso, pensava Will, tentando não apertar demasiado as rédeas. O velho não conseguira concluir o negócio em vida, por isso tentava fazê-lo da campa.

E se a filha que o apoiara a vida toda, que trabalhara a seu lado, que suara e chorara na terra não fosse atrativo suficiente, bem, tinha mais duas.

— Maldito sejas, papá. — Com as mãos trémulas, voltou a pôr o chapéu na cabeça. — O rancho é meu e vai continuar a ser meu. Jamais abrirei as pernas ao Ben McKinnon ou a qualquer outro.

Willa avistou a luz de faróis e murmurou à sua égua para que ficasse calma. Não conseguia ver o veículo, mas reparou na direção que tomava. Um sorriso ténue abriu-se nos seus lábios quando viu que o carro seguia pela casa principal do Três Rochedos.

— De volta de Bozeman, não é? — Instintivamente, endireitou-se na sela e ergueu o queixo. O ar estava suficientemente límpido para conseguir ouvir o bater da porta do carro e o ladrar alegre dos cães. Perguntou-se se olharia para a elevação onde ela estava. Veria a silhueta escura do cavalo e do cavaleiro. E perguntou-se se ele saberia quem o observava na fronteira da sua propriedade.

— Veremos o que nos espera, McKinnon — murmurou. — Veremos quem gere o Mercy quando tudo terminar.

Um coiote uivou aos três quartos de Lua que brilhavam no céu. E ela sorriu novamente. Havia muitos tipos de coiotes no mundo, concluiu. Por mais bonito que fosse o seu uivar, eram matreiros.

Mas não iria permitir a matreiros acesso às suas terras.

Voltando a montada, dirigiu-se para casa, iluminada pela meia-luz.

3

— O grande sacana. — Ben apoiava-se estrutura da sela, abanando a cabeça para Nate. Os seus olhos, escondidos pela aba grande de um chapéu cinzento-escuro, cintilavam um verde frio. — Tenho pena de ter perdido o funeral dele. Os meus pais dizem que foi um grande acontecimento.

— Sem dúvida. — Nate deu uma palmada distraída no dorso da montada. Apanhara Ben minutos antes de o amigo partir para as terras altas.

Na opinião de Nate, o Três Rochedos era um dos terrenos mais bonitos do Montana. A casa principal era um belo exemplo de eficiência e estética. Não era um palácio como a de Mercy, mas um edifício bonito revestido a madeiras de qualidade e uma boa estrutura de pedra. Possuía vários níveis de telhados que proporcionavam um aspeto interessante à construção, e vários alpendres e varandas para contemplar os montes.

Os McKinnon geriam um espaço arrumado, atarefado, mas sem confusões.

Conseguia ouvir os protestos bovinos vindos do curral. Os vitelos eram separados das mães para o desmame e não estavam felizes.

Os machos vão ficar ainda mais infelizes depois de castrados e privados dos cornos, pensava Nate.

Esse era um dos motivos por que preferia trabalhar com cavalos.

— Sei que tens trabalho para fazer — continuou Nate. — Não te quero reter, mas lembrei-me de passar por cá para fazermos o ponto de situação.

— Sim. — Ben estava de facto a pensar em trabalho. Outubro passara demasiado depressa e aquela fronteira ténue antes do inverno não durava muito. Naquele momento, o Sol brilhava sobre o Três Rochedos como um anjo. Os

cavalos pastavam ali perto e os homens prosseguiam com o serviço de mangas arregaçadas. Mas precisava de verificar as vedações e colher o grão. O gado que não ia continuar nas terras teria de ser encaminhado para a morte e enviado para o seu destino.

Contudo, o seu olhar perdia-se nos prados e pastagens mais acima, em direção às terras dos Mercy. Imaginava que Will Mercy pensasse em mais do que em trabalho naquele momento.

— Não tenho nada contra as tuas capacidades enquanto advogado, Nate, mas essas tretas legais não vão funcionar, pois não?

— As condições do testamento são muito claras e precisas.

— Continuam a ser coisas de advogados.

Os dois homens conheciam-se há demasiado tempo para se ofenderem.

— Ela pode contestar o testamento, mas vai ser uma viagem acidentada.

Ben olhou novamente para sudoeste, imaginando Willa Mercy e abanando a cabeça. Sentava-se tão confortavelmente numa sela como qualquer outro homem se sentaria numa cadeira. Depois de trinta anos de vida de rancho, aquele era o seu *habitat* natural. Não tinha a altura de Nate, mas tinha um bom metro e oitenta e uma estrutura robusta e musculada. O cabelo era castanho-claro, alourado por horas de exposição ao sol e suficientemente longo para lhe roçar o pescoço moreno. Os seus olhos eram atentos como os de um falcão e frequentemente frios, num rosto marcado e desalinhado de um homem claramente à vontade com a vida no exterior. Uma cicatriz horizontal atravessava-lhe o queixo, recordação da juventude e de um deslize de mãos quando brincava com um canivete com o irmão.

Ben passou a mão pela cicatriz, num gesto distraído e habitual. Achara alguma piada quando Nate lhe contara do testamento. Agora que as indicações de Mercy tinham sido postas em prática, não lhe parecia tão engraçado.

— Como recebeu ela a notícia?

— Mal.

— Merda. Lamento. Ela adorava o velho sacana, sabe-se lá porquê. — Tirou o chapéu, passou os dedos pelo cabelo e voltou a colocá-lo. — E agora tem de levar comigo.

Nate sorriu.

— Bem, sim, mas acho que se passava o mesmo se fosse outra pessoa.

Não, pensou Ben, *não era bem assim*. Perguntava-se se Willa saberia que o pai dela em tempos lhe oferecera quatro mil hectares de terra de qualidade se ele se casasse com a filha dele. Como se fosse um rei a tentar fundir reinos.

Mercy preferia dar a terra, pensava, pestanejando contra o Sol. Preferia dar a terra a perder o controlo das rédeas.

— Ela não precisa de nenhum dos dois para gerir o Mercy — comentou Ben. — Mas farei o que me foi pedido. E bolas… — Abriu um sorriso lento, arrogante, mudando a expressão do rosto. — Vai ser divertido vê-a a medir forças comigo de cinco em cinco minutos. Como são as outras duas?

— Diferentes. — Ponderando, Nate apoiou-se no para-choques do seu *Range Rover*. — A do meio, a Lily, assusta-se com facilidade. Parece que se vai desfazer se fizermos um movimento mais brusco. Estava com a cara toda marcada.

— Teve um acidente?

— Parece que embateu acidentalmente nos punhos de alguém. Tem um ex-marido. E uma ordem de afastamento contra ele. Já foi detido várias vezes por violência doméstica.

— Sacana.

Se havia coisa pior do que um homem que ferisse o seu cavalo era um homem que magoava uma mulher.

— Aceitou logo ficar — continuou Nate, começando a enrolar um cigarro à sua maneira calma e metódica. — Acho que estava à procura de um bom sítio para se esconder. A outra é toda espevitada. Acabada de sair de Los Angeles, de fato italiano e relógio de ouro. — Guardou a bolsa de tabaco no bolso e acendeu um fósforo. — Escreve argumentos de cinema e está francamente irritada com a ideia de ficar aqui enfiada durante um ano. Mas quer o que o dinheiro lhe pode proporcionar. Está de viagem para a Califórnia para fazer as malas.

— Ela e a Will devem dar-se como cão e gato.

— Já se pegaram. — Nate exalou uma baforada de fumo pensativamente. — Tenho de admitir que foi divertido observá-las. O Adam acalmou-as.

— É capaz de ser o único homem com capacidade de acalmar a Willa. — Ben reposicionou-se na sela, fazendo o couro chiar. O cavalo *Spook* começava a ficar inquieto, assinalando com trejeitos de cabeça a sua vontade de partir. — Vou ter de falar com ela. Preciso de ir verificar uma equipa que preparámos para as terras altas. Tem havido algumas tempestades. A minha mãe tem café acabado de fazer em casa.

— Agradeço, mas tenho de ir andando. Também tenho trabalho para fazer. Vemo-nos num dia ou dois.

— Sim. — Ben chamou o cão, observando Nate a entrar no seu *Range Rover*. — Nate, não a vamos deixar perder o rancho.

Nate ajustou o chapéu e procurou as chaves do carro.

— Não, Ben. Não a vamos deixar perder o rancho.

* * *

A distância era considerável, através do vale e até ao sopé da montanha. Ben seguia num ritmo tranquilo, observando o território pelo caminho. O gado estava farto e tinham já separado alguns dos touros Angus para abate antes da chegada do inverno. Os outros rodariam de pastagem em pastagem, aguentando-se por mais um ano.

A seleção e venda eram da sua responsabilidade há já quase cinco anos, e os pais começavam a transferir gradualmente a gestão do rancho para os filhos.

A erva estava alta e ainda muito verde, cintilando em contraste com o maciço de árvores. Ouviu o barulho de um motor e olhou para cima, sorrindo. O seu irmão, Zack, estava a sobrevoar a área. Ben tirou o chapéu e acenou com ele. *Charlie*, o *border collie* de pelo comprido, desatou a correr em círculos e a ladrar. A pequena avioneta inclinou as asas, cumprimentando-os.

Ainda era difícil para ele pensar no irmão mais novo como marido e pai. Mas assim era. A Zack bastara olhar uma vez para Shelly Petersen para ficar de esporas para o ar. Menos de dois anos depois, fariam dele um tio. E, pensava Ben, fá-lo-iam sentir-se muito velho. Sentia-se trinta e não três anos mais velho do que o irmão.

Ajustou o chapéu e conduziu o cavalo pela elevação, atravessando uma fila de pinheiros amarelados. O ar estava mais fresco. Notou sinais da presença de veados, algo que, noutra altura, teria sido motivo suficiente para ceder à vontade de seguir o seu trilho e levar carne fresca para a mãe. *Charlie* fitava cheio de esperança o chão, olhando para Ben de vez em quando, em busca de permissão para correr atrás da caça. Mas Ben não estava com vontade de caçar.

Conseguia sentir o cheiro da neve. Ainda estava muito abaixo da zona onde começara a cair, mas sentia-a no ar. Já vira bandos de gansos canadianos a caminho do sul. O inverno chegaria mais cedo e com mais violência. Até o correr da água no ribeiro que nascia no sopé da montanha parecia frio.

À medida que os aglomerados de árvores se tornavam mais densos e o chão mais rijo, Ben seguia a corrente da água. Conhecia tão bem a floresta como o seu celeiro. Ali, perto do larício morto, ele e Zack tinham procurado tesouros escondidos. Mais além, na pequena clareira, abatera o seu primeiro veado, com o pai a seu lado. Também tinham pescado, colhendo trutas da água com a facilidade com que se colhem amoras dos arbustos.

Em tempos, escrevera o nome da sua amada em placas de ardósia. As palavras tinham desaparecido com a força do tempo. E a bela Susie Boline

fugira para Helena para se tornar guitarrista, partindo o coração de dezoito anos de Ben.

A recordação desses tempos ainda lhe dava um aperto no peito, embora fosse capaz de sofrer as tormentas do inferno para não ter de admitir ser um homem sentimental. Cavalgou para além das rochas e das memórias e subiu, sempre pelo trilho já aberto, através das árvores coloridas como mulheres num baile de sábado à noite.

À medida que o ar ia ficando mais rarefeito e frio, e o cheiro a neve se tornava mais intenso, Ben assobiava baixinho. A sua estadia em Bozeman fora muito produtiva, mas deixara-lhe saudades daquilo: do espaço, da solidão, da terra. Embora dissesse a si mesmo que trouxera um colchão apenas por precaução, a verdade é que se preparava para acampar por uma noite. Talvez duas.

Podia caçar um coelho, fritar peixe e até passar a noite com o resto do pessoal. Ou ficar sozinho. Eles conduziriam o gado até às terras baixas. Aquela neve no ar podia significar um nevão precoce e um absoluto desastre para uma manada que estivesse a pastar nos prados das montanhas. Mas Ben acreditava que ainda tinham algum tempo.

Parou por uns momentos para observar um belo prado pontilhado de vacas, limitado por um rio animado, apreciando a onda de flores silvestres do outono e escutar o piar dos pássaros. Não compreendia por que motivo alguém poderia preferir as ruas estranguladas de uma cidade e os edifícios apinhados de gente e problemas àquilo.

O som de um disparo assustou o seu cavalo e fez Ben afastar-se de pensamentos soltos. Embora estivesse numa zona onde o disparo de uma arma pudesse significar apenas que alguém estava a caçar, ficou atento. Ao disparo seguinte, Ben conduziu automaticamente o cavalo na direção do som e deu-lhe um toque para começar a avançar a trote.

Primeiro, viu o cavalo. A égua Appaloosa de Will ainda tremia e as rédeas pendiam de um ramo. O sangue libertava um odor forte e doce que provocou um aperto nas entranhas de Ben. Depois, viu-a, com a caçadeira na mão, a menos de dois metros de um urso-pardo caído. Rosnando de alerta, o cão aproximou-se, travando de imediato ao som da ordem de Ben.

Ben esperou até que ela olhasse para trás antes de desmontar o cavalo. Reparou que estava pálida e com os olhos intensamente negros.

— Está mesmo morto?

— Sim. — Will engoliu em seco. Detestava matar e derramar sangue. Até enjoava quando via uma galinha a ser morta para o jantar. — Não tive outra escolha. Atacou-me.

Ben apenas abanou a cabeça e, tirando a sua espingarda do coldre, aproximou-se.

— Grande sacana. — Não queria pensar no que poderia ter acontecido se ela tivesse falhado a pontaria, no que um urso daquele tamanho teria feito ao cavalo e ao seu dono. — É fêmea — comentou, falando em voz baixa. — Deve ter crias aqui perto.

Willa guardou a caçadeira.

— Já tinha chegado a essa conclusão.

— Queres que a arranje?

— Eu sei arranjar caça.

Ben assentiu e foi buscar a faca.

— Mas ajudo-te na mesma. É um animal grande. Lamento pela morte do teu pai, Willa.

Will pegou na faca dela, uma *Bowie* bem afiada e à altura da de Ben.

— Detestava-lo.

— Mas tu não, por isso lamento. — Começou a trabalhar no urso, evitando o sangue e as entranhas sempre que podia, mas conformando-se quando não corria bem. — O Nate passou lá por casa esta manhã.

— Imagino que sim.

O sangue ascendia no ar como vapor. *Charlie* trincava uns pedacinhos de ossos e abanava a cauda. Ben olhou por cima da carcaça do urso, fitando Willa nos olhos.

— Se quiseres ficar chateada comigo, força. Não fui eu quem escreveu aquele maldito testamento, mas farei o que tem de ser feito. Mas primeiro tenho de te perguntar que raio andas tu a fazer aqui sozinha.

— O mesmo que tu, imagino eu. Tenho homens nas terras altas e gado que tem de descer. Sou capaz de gerir o meu negócio tão bem quanto tu, Ben.

Ele aguardou um momento, esperando que ela dissesse mais. Sempre se sentira fascinado pelo som da voz dela. Era áspera e parecia sempre que estava com sono. Ben refletira mais do que uma vez que era uma pena uma mulher tão teimosa possuir uma voz tão sensual.

— Bem, temos um ano para descobrir isso, não temos? — Vendo que o comentário não tinha provocado uma reação, passou a língua pelos dentes. — Vais pendurar a cabeça?

— Não. Os homens é que precisam sempre de troféus para se gabarem. Eu não.

Ben sorriu.

— Gostamos bem deles. E podias aproveitar para arranjar um troféu

também. És uma mulher bonita, Willa. Acho que é a primeira vez que digo isto a uma mulher com as mãos enfiadas nas entranhas de um urso.

Willa reconheceu a estratégia de charme de Ben e recusou-se a ceder-lhe. Ao longo dos últimos anos, recusar-se a ceder aos encantos de Ben tornara-se uma segunda ocupação.

— Não preciso da tua ajuda com o urso nem com o rancho.

— Mas podes contar com ela, nas duas áreas. Podemos fazer isto com tranquilidade ou ser adversários. — Deu uma sapatada distraída a *Charlie*, fazendo-o sentar-se a seu lado. — Importa-me muito pouco a tua opção.

Reparou que Willa estava com olheiras. Pequenas dedadas esbatidas em contraste com a pele dourada. E a boca dela, que sempre achara particularmente atraente, estava tensa e séria. Preferia-a furiosa, e achava-se capaz de a pôr assim.

— As tuas irmãs são tão bonitas como tu? — Quando viu que ela não respondia, esboçou um sorriso. — Mas são mais amigáveis. Terei de vos fazer uma visita, para decidir. Porque não me convidas para jantar, Will, para podermos conversar calmamente sobre os planos para o rancho? — Agora, sim, o olhar dela dardejou em direção ao dele, fazendo-o sorrir imensamente. — Bem me parecia que era fácil. Céus, rapariga, que belo rosto. E nada lhe fica melhor do que essa raiva toda.

Ela não queria que ele lhe dissesse que era bonita, se era isso que estava a fazer. Sentia-se sempre agitada no estômago.

— Porque não te poupas à conversa e me ajudas a levantar a carcaça para escoar o sangue?

Rodando nos calcanhares, Ben observou-a.

— Podemos resolver isto rapidamente. Basta casarmo-nos e pronto.

Embora apertasse o cabo da faca com força, Will obrigou-se a exalar três demorados e suaves fôlegos. Ora, ele estava a tentar provocá-la e ela sabia que não havia nada que o deixasse mais contente do que vê-la a resmungar e a bater os pés. Em vez disso, ergueu o queixo e o seu tom de voz era frio como a água que corria no ribeiro.

— Tens tantas hipóteses de isso acontecer como as de este urso acordar para a vida e morder-te o rabo.

Ele levantou-se ao mesmo tempo que ela, tomou-lhe o pulso, ignorando os seus protestos.

— Não te quero mais do que me queres a mim. Só me pareceu mais fácil arrumarmos com o assunto de uma vez. A vida é longa — acrescentou suavemente. — Um ano é muito pouco.

— Há alturas em que um dia é tempo de mais. Deixa-me em paz, Ben.

— O olhar dela ergueu-se lentamente. — Um homem que hesita em dar ouvidos a uma mulher com uma faca na mão merece tudo o que lhe acontecer.

Ben conseguiria arrancar-lhe a faca em menos de três segundos, mas decidiu deixá-la onde estava.

— Querias espetar-me, não querias? — O facto de saber que era verdade excitava-o e irritava-o. Ela costumava conseguir as duas coisas. — Mete uma coisa na tua cabeça: não quero o que é teu. E não tenciono ser vendido por terras e gado, tal como tu. — Willa empalideceu perante aquele comentário e ele assentiu. — Sabemos em que pé estamos, Will. Posso até vir a gostar de uma das tuas irmãs, mas, por agora, são apenas negócios.

A humilhação era agora tão crua como o sangue que lhe manchava as mãos.

— Seu filho da mãe.

Ele largou a mão dela, tomando-lhe a que tinha a faca, não fosse o diabo tecê-las.

— Também gosto muito de ti, linda. Agora vou pendurar o urso. Vai limpar-te.

— Fui eu que o matei, posso…

— Uma mulher que hesita em dar ouvidos a um homem com uma faca na mão merece tudo o que lhe acontecer. — Voltou a sorrir suave e lentamente. — E se tentássemos resolver isto de forma favorável a ambos?

— Não posso. — Toda a paixão e frustração que se agitavam dentro dela ecoavam naquelas duas palavras. — Sabes que não posso. Como te sentirias se estivesses no meu lugar?

— Não estou — foi a resposta dele. — Vai limpar o sangue. Temos muito que andar hoje.

Deixou-a partir, agachando-se novamente, sabendo que ela ainda estava atrás dele a tentar controlar-se. Só conseguiu descontrair completamente quando ela saiu em direção ao ribeiro, com o cão dele a ladrar de alegria a seus pés. Suspirando, fitou as presas expostas do urso.

— Preferia levar uma dentada das tuas do que uma palavra simpática minha — murmurou. — Malditas mulheres.

Enquanto terminava a tarefa sangrenta, admitiu a si mesmo que tinha mentido. Ele queria-a. Curiosamente, quanto mais desejava o contrário, mais a queria.